

JONAS MADUREIRA

PREFÁCIO DE CARLOS ARTHUR R. DO NASCIMENTO

Tomás de Aquino
e o conhecimento de Deus

A imaginação a serviço da teologia


VIDA NOVA

Da imagem sensível temos a espécie inteligível, a partir da qual se pode entender a natureza de uma coisa com uma só operação intelectual. A razão disso é que a potência cognoscitiva se proporciona ao cognoscível, conforme afirma o próprio Doutor Angélico no artigo 7 da questão 84 da primeira parte da *Suma de teologia*, objeto do presente livro. Mas e quando lidamos com o conhecimento de Deus? Não conhecemos a forma divina por meio da ciência teológica, mas dela inferimos que a forma divina está além de toda e qualquer imagem. Então, como enfrentamos a possibilidade do conhecimento de Deus no estado da vida presente? Que papel desempenha a conversão para as imagens [*conversio ad phantasmata*]? É este o propósito do presente livro, de autoria do grande filósofo e amigo Jonas Madureira, intelectual de escol e pensador de exímia vocação teológica. Na presente obra, encontraremos um tratamento vertical para a questão suscitada, enfrentada com coragem e argumentação irretocável.

Prof. Dr. Marcus Paulo Rycembel Boeira é *visiting scholar* na Pontifícia Università Gregoriana/Roma, professor de Lógica Deontica e Filosofia do Direito na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Mestre e Doutor em Filosofia pela USP

Tomás de Aquino é um dos mais brilhantes e influentes teólogos cristãos. Neste estudo elegante e profundo, Jonas Madureira expõe a tese tomasiana de que o fim último de toda a criatura intelectual é conhecer a Deus intelectualmente — ainda que o conhecimento da essência de Deus só venha a ocorrer no porvir, quando saberá o que é ser feliz de verdade. Essa obra merece uma leitura atenta de todos os interessados em epistemologia, sobretudo aqueles que, compromissados com a fé cristã, desejam aprender a partir do tomismo a salvaguardar a realidade absolutamente transcendente do Deus Criador em relação às suas criaturas.

Franklin Ferreira, Th.M., é diretor do Seminário Martin Bucer, em São José dos Campos-SP, onde leciona História da Igreja e Teologia Sistemática. Autor de várias obras, incluindo *Teologia Sistemática* (em co-autoria com Alan Myatt), *Contra a Idolatria do Estado* e *A Igreja cristã na história* (Vida Nova)

De forma encantadora e profunda, o “agostiniano” Jonas Madureira explora, no pensamento do Doutor Angélico, as condições em que Tomás entende ser inteligível o conhecimento que o homem pode ter de Deus. Recomendar os escritos do amigo Jonas é algo que sempre me causa alegria. Fazer isso, nesse livro, entretanto, significa alegria dobrada! A primeira parte advém da admiração que com ele compartilho pela contribuição de Tomás. A segunda parte vem da alegria de ver um pensador protestante e reformado que, como eu também, não escapa do polo gravitacional do pensamento paulino-agostiniano usar essa perspectiva para uma análise carinhosa, positiva e criativa da epistemologia tomista. Para o leitor perspicaz, ficará óbvio que a citação final de Tomás, com a qual Jonas escolhe concluir o livro, não deixa de ter como pressuposto (ou seria adumbramento?) o *Fecisti nos ad Te, et inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te*, do começo das *Confissões* de Agostinho de Hipona. Recomendo o livro com entusiasmo, tanto para os que têm em Tomás de Aquino seu objeto principal de interesse quanto para os protestantes que carecem de uma leitura simpática e profunda daquele pensador que faz parte da herança conjunta de nossa tradição cristã!

Dr. Davi Charles Gomes é PhD pelo Westminster Theological Seminary, com estudos na Université de Genève (Suíça) e no Lutheran Theological Seminary (Philadelphia). Atualmente, é diretor internacional (CEO) da World Reformed Fellowship.

Tomás de Aquino
e o conhecimento de Deus



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Madureira, Jonas

Tomás de Aquino e o conhecimento de Deus : a imaginação a serviço da teologia / Jonas Madureira. — São Paulo : Vida Nova, 2021.
192 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5967-008-6

1. Filosofia e cristianismo 2. Filosofia medieval 3. Tomismo 4. Tomás, de Aquino, Santo, 1225?-1274 5. Imaginação 6. Teologia I. Título

21-0968

CDD 189

Índices para catálogo sistemático

1. Filosofia medieval - Cristianismo

JONAS MADUREIRA

PREFÁCIO DE CARLOS ARTHUR R. DO NASCIMENTO

Tomás de Aquino
e o conhecimento de Deus

A imaginação a serviço da teologia


VIDA NOVA

©2021, de Edições Vida Nova

Edição publicada a partir da tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Filosofia sob a orientação do prof. dr. José Carlos Estêvão.

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2021

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Almeida Século 21,
salvo indicação em contrário.
Todas as traduções dos textos latinos são do autor, salvo quando
há indicação em contrário.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

EDIÇÃO DE TEXTO

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

REVISÃO DE PROVAS

Abner Arrais

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Fernando Mauro S. Pires

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

Wesley Mendonça

Para

CARLOS ARTHUR RIBEIRO DO NASCIMENTO,
um mestre no ofício.

Porque os atributos de Deus,
assim como o seu eterno poder,
como também a sua própria divindade,
claramente se reconhecem,
desde o princípio do mundo,
sendo percebidos por meio das coisas criadas.

— APÓSTOLO PAULO, ROMANOS 1.20

Agora, pois, penetraremos na treva que está além do
inteligível, e não haverá maior concisão ainda, mas, ao contrário,
uma cessação total da palavra e do pensamento.

— DIONÍSIO AREOPAGITA, *TEOLOGIA MÍSTICA*

A alma nada pode conhecer sem a mediação das imagens.

— TOMÁS DE AQUINO, *DE ANIMA*

Sumário

<i>Agradecimentos</i>	15
<i>Prefácio</i>	19
<i>Abreviaturas</i>	23
Introdução	25
Problema e método.....	28
Tradução do artigo 7.....	41
Capítulo 1	
Análise do artigo 7	51
O contexto	52
A estrutura.....	53
A argumentação.....	57
Capítulo 2	
O intelecto e a imaginação	71
A tese.....	73
O “estado da vida presente”	73

A “conversão para os fantasmas”	86
A distinção entre “conversão” e “reflexão”	87
A <i>conversio</i> como orientação natural	99
Contraponto da <i>conversio</i> como orientação natural	103

Capítulo 3

A imaginação e o estado da vida presente	107
Os indícios.....	107
A dependência que o intelecto tem da imaginação	109
A formação de imagens a modo de exemplos	116
A razão	121
O princípio de proporção.....	123
O objeto próprio do intelecto humano	131

Capítulo 4

O estado da vida presente e o conhecimento de Deus ..	135
Reconsideração do problema à luz do que foi investigado.....	135
A “conversão para os fantasmas” e o conhecimento de Deus.....	137

SUMÁRIO

O caráter comparativo do conhecimento de Deus.....	141
<i>A comparatio</i> e a <i>triplex via</i> do conhecimento de Deus.....	144
A origem, o significado e a ordem da <i>triplex via</i> ..	147
A perspectiva tomasiana da <i>triplex via</i>	152
Conclusão	161
<i>Bibliografia</i>	169
<i>Índice remissivo</i>	181

Agradecimentos

Certa vez, Umberto Eco disse que Duchamp precisava de Leonardo da Vinci para desenhar o famoso bigode na Gioconda. Ou seja, sem o quadro do renascentista, o dadaísta não faria a tal estripulia. Salvo as devidas proporções, sem Tomás de Aquino, eu nunca teria escrito este livro, que, assim espero, esteja longe de ser uma irreverente travessura com o ilustre dominicano. Na verdade, recorro a ele com a reverência que João de Salisbúria disse que deveríamos ter quando estivéssemos montados nos ombros dos gigantes.

Confesso que não é fácil a subida até os ombros do Doutor Angélico. Por isso, sou tão grato àqueles que me ajudaram a não desistir logo de cara. Agradeço, antes de mais nada, àquele que primeiro me ajudou a escalar o Boi Mudo da Sicília: o querido mestre Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, a quem dedico este livro. A partir da iniciação científica realizada sob sua orientação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, encontrei o fio que me conduziu até o doutorado em filosofia. Na verdade, este livro é resultado de uma investigação que iniciou em 2002 e culminou com a defesa da tese em 2014, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, desta vez sob a orientação de outro mestre, igualmente querido, José Carlos Estêvão, a quem sou grato por repartir tão generosamente sua sabedoria e por sua

enorme competência em fazer-me progredir nos estudos da filosofia medieval. Sem seu rigor filosófico e sua orientação este livro não seria possível.

Enquanto estava envolvido nos estudos da metafísica negativa de Tomás de Aquino, tive o privilégio de passar um ano e meio em Colônia, na Alemanha. Nessa ocasião, minha pesquisa foi supervisionada pelo professor Andreas Speer, a quem também sou imensamente grato não apenas pela maneira inestimável com que me recebeu no Thomas-Institut, mas, sobretudo, pelas aulas magistrais e observações, críticas e recomendações bibliográficas que me foram e ainda são extremamente valiosas. Estendo minha gratidão também ao professor Wolfram Klatt pelas indicações de livros e revistas especializados, além do precioso auxílio na biblioteca do Thomas-Institut.

Agradeço também a Rodrigo Guerizoli, Lorenzo Mami e Carlos Eduardo de Oliveira pelas arguições e valiosas contribuições feitas na ocasião da defesa. A crítica aguda e técnica que realizaram contribuiu em muito para o refinamento deste livro. Aos meus colegas do CEPAME (Centro de Estudos de Filosofia Patrística e Medieval de São Paulo), minha gratidão pelo companheirismo e pela interlocução, especialmente, Gustavo B. V. de Paiva, Cristiane N. A. Ayoub, Luiz Marcos Silva Filho, Arthur K. de Lima, Joel Pinheiro da Fonseca e Robson Muraro.

Há o editor preguiçoso, que publica o livro sem ter lido; há o inseguro, que, receoso de atravancar, não investe na excelência do livro; há o egocêntrico, que destrói o livro de tanto

AGRADECIMENTOS

que mexe; e há o jardineiro, que, como diria Cecília Meireles, “vê a flor na semente”. Bem-aventurado o autor que encontra um editor que cuida do seu livro como um jardineiro cuida de um jardim! Eu encontrei o meu, no caso, uma editora-jardineira: Marisa Lopes. Seu labor transformou essa subida íngreme e pesarosa numa jornada menos rarefeita para os leitores. Não poderia deixar de agradecer a Sérgio Moura pelo carinho, incentivo e amizade sempre presentes, ao DAAD (Deutscher Akademischer Austauschdienst — Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), pelo financiamento da pesquisa no Thomas-Institut, da Universidade de Colônia, na Alemanha, e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pelo incentivo à pesquisa.

Last but not least, aos meus amores, Juliana, Heloísa, Henrique e Thiago. Sem eles, não.

Prefácio

O tratamento do conhecimento intelectual humano por Tomás de Aquino é algo notável não só no interior de sua obra, mas também no curso da própria filosofia no Ocidente. Sem dúvida, como o próprio Tomás afirma, segue ele uma “via intermediária” entre o “idealismo” de Platão e o “materialismo” de Demócrito, isto é, a análise aristotélica do conhecimento humano (*S. Th.*, I, q. 84, a. 6). Tomás está longe, porém, de simplesmente repetir o que diz Aristóteles. De fato, nessa mesma questão 84 da primeira parte da *Suma de teologia*, no seu artigo 5, ele se confronta com a doutrina de Agostinho sobre o conhecimento das coisas materiais nas noções eternas, isto é, nas ideias divinas, e a interpreta como uma indicação do fundamento último do conhecimento intelectual humano. Tomás, assim, não apenas afasta sua eventual incompatibilidade com a origem imediata do conhecimento intelectual humano nas imagens ou figurações (*phantasmata*) da imaginação ou da fantasia, mas também lhe acrescenta um complemento necessário, ausente na abordagem aristotélica. Em procedimento semelhante, Tomás vai compatibilizar a doutrina da determinação ou especificação intelectual (*species intelligibilis*) — de origem aristotélica, pela qual o intelecto humano possível é atualizado a partir do material imaginativo tornado inteligível pela ação abstrativa ou iluminativa do intelecto agente — e a doutrina do verbo

mental ou conceito (*species intellecta*) — procedente de Agostinho, pela qual o intelecto expressa o que capta das coisas (*S. Th.*, I, q. 85, a. 2, ad3m).

Mas isso não é tudo. Acaso estaria o intelecto humano restrito ao conhecimento das coisas materiais? Para responder à indagação, Tomás vai recorrer explicitamente a Dionísio Areopagita. No artigo 7 da questão 84 da primeira parte da *Suma de teologia*, Tomás vai enfrentar a questão: Se o nosso intelecto necessita sempre das imagens para conhecer algo pela primeira vez ou mesmo para usar um conhecimento já adquirido, como pode ele conhecer o que é destituído de imagem, isto é, as coisas imateriais, como a alma humana, as substâncias separadas da matéria (anjos) e, sobretudo, Deus? Tomás, considerando, por causa da proporção que deve haver entre a faculdade e seu objeto, que o objeto próprio do intelecto humano, faculdade da alma humana, forma do corpo, é o aspecto inteligível das coisas materiais, isto é, sua essência, natureza ou quiddidade, visada pelo intelecto a partir de suas propriedades sensíveis, sintetizadas em sua imagem, terá necessariamente de admitir que o conhecimento das coisas imateriais só pode ser indireto, isto é, por negação do que é propriamente material. É a isso que se refere esta extraordinária resposta ao terceiro argumento inicial do artigo 7, da questão 84, da primeira parte da *Suma de teologia*, sendo este artigo o “texto-base” da análise de Jonas Madureira.

Jonas não só analisa minuciosamente o artigo 7 (cap. 1), mas também apresenta de forma detalhada a relação do intelecto humano com a imaginação (cap. 2) e propõe uma

interpretação adequada da “conversão para os fantasmas” (cap. 3), tirando daí as consequências para o conhecimento de Deus na vida presente, de acordo com as três vias apontadas por Dionísio: por negação, por eminência e por causalidade (cap. 4).

A análise de Jonas nos oferece, portanto, não só uma exposição de aspectos centrais da abordagem do conhecimento humano por Tomás de Aquino. Ela nos permite acessar, principalmente, aquilo que, com toda certeza, para usar uma expressão de Paul Tillich, foi sua “preocupação última”: conhecer a Deus e transmiti-lo aos outros. Que esse também seja o maior desejo dos que lerem esta obra!

São Paulo, 12 de agosto de 2020

CARLOS ARTHUR RIBEIRO DO NASCIMENTO,
leitor em teologia pela Escola Dominicana de Teologia,
licenciado em filosofia pela Faculdade de Filosofia e Letras de
São João Del Rei, mestre e doutor em estudos medievais pela
Université de Montréal (Canadá), professor aposentado de
Filosofia da PUC-SP e da Unicamp.

Abreviaturas

<i>Comp. Theol.</i>	<i>Compendium Theologiae</i>
<i>De anima</i>	<i>Quaestio disputata De anima</i>
<i>De ente</i>	<i>De ente et essentia</i>
<i>De pot.</i>	<i>Quaestiones disputatae De potentia</i>
<i>De princ.</i>	<i>De principiis naturae</i>
<i>De verit.</i>	<i>Quaestiones disputatae de veritate</i>
<i>In Boeth. De trin.</i>	<i>In librum Boethii De trinitate expositio</i>
<i>In De div. nomin.</i>	<i>In librum Dionysii De divinis nominibus expositio</i>
<i>In I-III De anima</i>	<i>Sententia libri De anima</i>
<i>In I-IV Sent.</i>	<i>Scriptum super Sententiis magistri Petri Lombardi</i>
<i>In Ioannem</i>	<i>Super Evangelium S. Ioannis lectura</i>
<i>In Metaph.</i>	<i>In duodecim libros Metaphysicorum Aristotelis expositio</i>
<i>Quodl.</i>	<i>Quaestiones de quodlibet</i>
<i>S. Th.</i>	<i>Summa Theologiae</i>
<i>S.c. G.</i>	<i>Summa contra Gentiles</i>

Introdução

O nosso conhecimento é tão limitado que nenhum filósofo até hoje conseguiu investigar perfeitamente a natureza de uma só mosca.¹

— Tomás de Aquino, *Exposição sobre o Credo*, Prólogo

Tomás de Aquino nasceu por volta de 1225, no castelo de Roccasecca, no condado de Aquino, pertencente ao Reino da Sicília. Com a idade de vinte anos, foi para Colônia, na Alemanha, estudar com Alberto Magno, o maior filósofo e teólogo daqueles dias. Chegando lá, seus colegas logo o apelidaram de o *Boi Mudo da Sicília*: “Boi”, por seu físico avantajado; “Mudo”, por passar a maior parte do tempo em silêncio; e, finalmente, “Sicília”, por ser esta a sua pátria. Guilherme de Tocco, que foi seu discípulo e principal biógrafo, conta-nos que Tomás, na sua estada em Colônia, foi convocado por seu mestre Alberto para responder a questões muito difíceis. Humildemente, ele respondeu a todas elas. O mestre, admirado com a inteligência de seu discípulo, prenunciou: “Nós chamamos este jovem de Boi Mudo, mas, com os seus ensinamentos, ele ainda dará mugidos que ressoarão no mundo inteiro”.² Um desses ensinamentos, prenunciados por

¹Tomás de Aquino, *Exposição sobre o Credo* (São Paulo: Loyola, 2002), p. 19.

²Cf. James A. Weisheipl, *Friar Thomas d'Aquino* (Oxford: Basil Blackwell, 1974), p. 44-5.

Alberto Magno, é o de que o conhecimento que nós, seres humanos, podemos ter de Deus depende da imaginação.

Embora existam dois tipos de conhecimento — o sensorial e o intelectual —, para Tomás, o conhecimento sensorial é a condição necessária para a realização do conhecimento intelectual. É o conhecimento sensorial que torna possível a atividade do intelecto na contemplação das verdades eternas. Nenhum conhecimento intelectual é possível sem a mediação do sensorial. É claro que o objeto do conhecimento intelectual (a essência) é diferente do objeto do conhecimento sensorial (as coisas sensíveis que portam a essência). Contudo, isso não significa que a essência seja separada das coisas sensíveis, como pensavam Platão e Agostinho. Não há conhecimento imediato das verdades eternas. As coisas inteligíveis só podem ser alcançadas por intermédio das coisas sensíveis. Esse princípio Tomás herdou da tradição aristotélica. Portanto, com base na filosofia de Aristóteles, Tomás rejeitou a hipótese de conhecimento imediato das verdades eternas iluminadas por Deus.

Tomás também afirmava a possibilidade do conhecimento intelectual a despeito da iluminação divina. Ou seja, a razão, por sua própria natureza, é capaz de alcançar as verdades eternas. É claro que Tomás não negava as doutrinas da iluminação e revelação divinas. No entanto, concedeu à razão um poder bem maior que o concedido por Agostinho, por exemplo. Tomás acreditava piamente que a natureza racional dos seres humanos tornava-os capazes de conhecer as verdades eternas sem necessitarem do auxílio

constante da iluminação divina. As passagens da Escritura pelas quais Agostinho justificava a sua doutrina da iluminação são reinterpretadas por Tomás como referentes não propriamente à luz divina, mas à “luz natural” do intelecto, outorgado por Deus aos seres humanos. Segundo Tomás, a revelação e a razão são de procedência divina. Ora, se a revelação, porque vem de Deus, não é enganosa, a razão, pelo mesmo motivo, seria incapaz de nos enganar.

Tomás seguiu a crítica que Aristóteles fez a Platão. No platonismo, o mundo que aparece a partir de nossa sensação ou percepção sensorial é apenas uma “imagem”. Isso quer dizer que o mundo sensível ou corpóreo não passa de mera ilusão. O corpo e suas sensações são empecilhos para a alma que busca o conhecimento das verdades eternas. Aristóteles não concordava com o reducionismo que Platão fazia das imagens. Ao contrário de seu mestre, o Estagirita não via nas sensações um impedimento, mas um auxílio para a alma alcançar a verdade. Enquanto Platão afirmava que a verdade só poderia ser conhecida por meio da “recordação” intelectual do mundo das ideias, Aristóteles dizia que as “imagens” que formamos em nossa mente por causa das sensações é, justamente, o ponto de partida para o conhecimento das verdades eternas. Tomás considerou imprescindível o pressuposto aristotélico de que “a alma nada pode conhecer sem a mediação das imagens” (*De Anima*, III, 7, 431 a. 16). Este pressuposto deveria aplicar-se, inclusive, ao conhecimento que a mente humana pode ter de Deus. Encontram-se espalhadas em

sua vastíssima obra inúmeros argumentos de Tomás a favor do pressuposto de que o nosso conhecimento intelectual de Deus jamais ocorre diretamente, mas é sempre mediado pelas imagens.

Problema e método

Em diversas passagens do *corpus thomisticum*, em especial da *Suma de teologia*, Tomás argumentou que o intelecto humano, por estar unido ao corpo, não consegue compreender algo sem fazer a “conversão para os fantasmas” (*conversio ad phantasmata*),³ isto é, sem se voltar para as imagens que se formam na mente em decorrência da percepção desse algo por nossos sentidos. Isso significa que, para realizar o ato que lhe é próprio, o intelecto humano precisa, antes de tudo, converter-se para os fantasmas. Trata-se, portanto, da condição de possibilidade da inteligência humana no estado da vida presente, ou seja, no estado da alma unida ao corpo.

Cabe explicar que, em algumas traduções da obra tomásiana, a palavra *phantasmata* (que é uma transliteração latina do grego φαντάσματα) foi traduzida por “imagens”. O problema com essa opção de tradução é que há, no *corpus thomisticum*, uma farta ocorrência do termo *imagines*, que é comumente traduzido pelo seu correlato literal “imagens”.

³Cf. *S. Th.* I, q. 84, a. 7; q. 85, a. 1, ad. 3 e 5; q. 86, a. 1, c.; q. 88, a. 1, c.; q. 89, a. 1, c.; a. 2, c.; q. 111, a. 2, ad. 3; q. 118, a. 3, c.; II-II, q. 175, a. 5, c., III, q. 11, a. 2, etc.

Para evitar a dificuldade de traduzir tanto *phantasmata* como *imagines* por “imagens”, optei pela transliteração de *phantasmata*, a saber, “fantasmas”. Todavia, Tomás jamais conceberia “fantasma” no sentido de “assombração” ou “espectro”, tal como se compreende o termo “fantasma” em português. Assim, deve-se entender “fantasmas” não como “espectros”, mas como “imagens mentais”. Também decidi transliterar *conversio ad* por “conversão para”. A expressão latina *convertere se ad* pode facilmente ser interpretada no sentido de “voltar-se para” ou “virar-se novamente para”. Nesse caso, a *conversio ad phantasmata* seria uma espécie de “repetição de uma operação no processo de intelecção”, o que parece ser um entendimento equivocado da *conversio ad phantasmata*. Para evitar esse engano, decidi pela transliteração “conversão para os fantasmas”. (Mais adiante, apresentarei um arrazoado sobre o sentido da expressão como orientação ou direcionamento natural do intelecto para as imagens.)

Em contrapartida, se a intelecção humana depende da conversão para os fantasmas, e se os fantasmas, por sua vez, dependem da afecção⁴ dos entes materiais sobre os sentidos,

⁴A palavra *afecção* é um termo técnico que tem sua origem nas traduções de um clássico da filosofia grega, a saber, o *De anima*, de Aristóteles. Logo no início do seu tratado, Aristóteles afirma: “Buscamos considerar e conhecer a natureza e substância da alma, bem como todos os seus atributos, dentre os quais uns parecem ser *afecções próprias da alma* [παθήματα τῆς ψυχῆς], enquanto outros parecem subsistir nos animais graças a ela. [402a9]” (cf. Aristóteles, *De anima* [São Paulo: Editora 34, 2006], p. 45). Veja tb. Aristóteles, *De anima — Livros I-III (trechos)*, 2. ed. (Campinas: IFCH/UNICAMP, janeiro/2002), n. 38, p. 21.